

Por que precisamos falar sobre *bullying* e *cyberbullying*

Why we need to talk about bullying and cyberbullying

Mysia Ferreira¹, Valéria Loureiro Rocha², Cássio da Cunha Ibiapina³

DOI: 10.5935/2238-3182.20170034

RESUMO

Bullying, palavra intraduzível para o português, trazida, portanto, do inglês para designar uma série de injúrias físicas ou morais intencionais e repetidas, realizadas até então entre os muros das escolas, tendo como atores a vítima, o agressor e o espectador, causando dor e sofrimento em uma relação desigual de poder. O presente trabalho tem por objetivo rever as principais publicações sobre o tema *cyberbullying* em pesquisa bibliográfica realizada na base de dados Medline, de 1996 a 2017, e no LILACS, em português, espanhol e inglês, utilizando os termos *bullying*, *cyberbullying*, crianças, adolescentes e escola. Verifica-se que 40% dos estudantes estão envolvidos em atos de *bullying*. Encontrou-se ainda que 80% dos estudantes desaprovam a prática, mas não sabem o que fazer a respeito. Concluiu-se que quase metade das vítimas é silenciosa.

Palavras-chave: Comportamento; Bullying; Cyberbullying.

¹ Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. Belo Horizonte, MG – Brasil.

² Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil – ABENEPI. Belo Horizonte, MG – Brasil.

³ Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, Faculdade de Medicina, Departamento de Pediatria. Belo Horizonte, MG – Brasil.

ABSTRACT

Bullying, English word that has no translation to Portuguese, is the intentional and repetitive use of physical and/or moral abuse to dominate others. It used to be more often found within schools. This type of abuse includes, but is not limited to, the victim, the abuser (or bully), and the bystander, thus causing great pain and suffering for those involved in a relationship with the perception of an imbalance of power. The objective of the current paper is to revisit the most important publications on 'Bullying' and 'Cyberbullying', using as bibliography research done in the Medline database, from 1996 to 2017, and in LILACS, in Portuguese, Spanish and English, using the key words 'bullying', 'cyberbullying', 'children', 'adolescents', and 'school'. It was discovered that 80% of students disapprove of the practice, but have no idea how to deal with it. In conclusion, findings show that almost 50% of the victims do not talk about what happened to them.

Keywords: Behavior; Bullying; Cyberbullying.

INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo assistiu extasiado à chegada da internet. A vida digital se impôs no nosso cotidiano e, como era de se esperar, no de nossas crianças e adolescentes. Trazemos nos bolsos as redes sociais, grupos e câmeras. Estamos conectados 24 horas por dia, adictos das infinitas possibilidades que essa mídia nos proporciona. Ressignificamos nossas relações, redimensionamos nosso tempo e nosso espaço. A sociedade está irremediavelmente imersa nessa tecnologia, para o bem e para o mal.¹

O *cyberbullying*, versão eletrônica do *bullying*, surge do encontro entre a tecnologia digital e o já crescente número de casos de *bullying*, contendo todas as intenções

Instituição:
Faculdade de Medicina da UFMG
Belo Horizonte, MG – Brasil

Autor correspondente:
Cássio da Cunha Ibiapina
E-mail: cassioibiapina@terra.com.br

do *bullying* direto, com o agravante de se encontrar o agressor escondido atrás de uma tela e munido de um teclado. O campo de batalha migra das escolas para grupos e redes sociais. Munido de imagens, palavras ofensivas e intimidadoras, o agressor atormenta a vítima, que não tem trégua. O sinal que anuncia o fim da aula não coincide com o final da injúria.¹

O *bullying* existe desde que o mundo é mundo, não tem fronteiras sociais, culturais ou geográficas. O que chama a atenção é o crescente número de casos, com repercussões cada vez mais sérias.

São os nativos digitais, familiarizados desde cedo com todas as tecnologias, que inauguram o *cyberbullying*, este sim uma nova prática que cresce com a mesma velocidade com que cresce a mídia digital.

Salienta-se que a prática de *bullying* não deve ser considerada uma característica normal do adolescente, e sim um indicador de risco para comportamentos violentos, que podem se estender à vida adulta. As vítimas de *bullying* podem apresentar mau rendimento e fobia escolar, alterações do sono, vômitos, cefaleia, dores abdominais, irritabilidade, isolamento social, etc.¹

É importante ter clareza e excluir dessa denominação conflitos habituais entre os pares; brigas, implicações e provocações eventuais, que devem ser tolerados. Permitir que alunos resolvam entre si tais conflitos é fundamental na construção das habilidades sociais e afetivas. Não cabe também aqui incluir agressões físicas graves e homicídios, que serão tratados fora do ambiente da escola, devido à sua magnitude e implicações.²

Estudos conduzidos por Kowalsky *et al.* verificaram que vários alunos vítimas de *bullying* direto acabavam sendo também vítimas de *cyberbullying*. Existe, portanto, um percentual de vítimas de *bullying* eletrônico que relata nunca ter sido molestado na escola. Concluiu-se, assim, que a mídia digital aumentou o número de vítimas de *bullying*.³

ASSOCIAÇÃO DO BULLYING COM CYBERBULLYING

Cross *et al.*, em estudo conduzido com 1.504 adolescentes de 16 escolas australianas, investigaram como o *cyberbullying* interage com o *bullying* tradicional. Apuraram que adolescentes que sofreram dificuldades emocionais e sociais eram mais suscetíveis a serem vítimas das duas formas de *bullying* e que essas “polivítimas” apresentavam mais prejuízos emocionais e na vida escolar.⁴

O silêncio da vítima se repete no *cyberbullying*, agora associado ao anonimato do agressor, o que lhe confere ousadia e coragem. As ofensas se multiplicam e se expandem por meio de grupos e redes sociais. Imagens publicadas podem também devastar a intimidade da vítima.

DESAFIOS DA ABORDAGEM

É um fenômeno sistêmico envolvendo o indivíduo, escola, família e a sociedade como um todo. É mandatória uma contextualização caso a caso, não existindo um manual a ser seguido.

Um pequeno trecho do estudo de Freud: “A psicologia das massas e análise do eu-atualíssimo” também dentro desse tema:⁵

Na vida psíquica do indivíduo, o outro entra em consideração de maneira bem regular, como modelo, objeto, ajudante e adversário e, por isso, desde o princípio, a psicologia individual também é ao mesmo tempo a psicologia social nesse sentido ampliado (porém inteiramente legítimo).

PERFIL A SER OBSERVADO

Tenta-se definir o perfil dos envolvidos, trabalho árduo e sujeito a falhas, uma vez que a infância e a adolescência trazem consigo características próprias e também por serem etapas de constantes mudanças físicas e psíquicas.

A vítima costuma fugir dos padrões habituais e impostos pelo grupo; tímida, pouco sociável, com desempenho escolar acima ou abaixo da média e boa disciplina. Não corresponde também, muitas vezes, às imposições do grupo, sejam elas estéticas, sociais, religiosas, sexuais e raciais. Tem geralmente pouca capacidade de enfrentamento e baixa autoestima.

Por outro lado, o agressor geralmente é popular, insatisfeito com a escola, aluno medíocre e desafiador, busca com a prática do *bullying* dominar os colegas e incrementar seu “poder” perante o grupo – almeja o lugar de líder.

As agressões físicas, apelidos ofensivos, imposição de tarefas servis e danificação dos objetos alheios são exemplos de *bullying* direto, desde que ocorram sistematicamente. Por outro lado, a forma indireta se caracteriza por intrigas, fofocas, boatos cruéis e atividades de difamação, exposição de vídeos e imagens, de forma insistente e repetida.⁶

É importante salientar que os pares são, na maioria das vezes, do mesmo sexo. Os meninos parecem preferir a forma direta e as meninas a indireta.

Estudo conduzido por Crayg *et al.* pesquisou 202.000 adolescentes (11,13 e 15 anos) em 40 países, comparando as taxas de atos de *bullying* entre meninos e meninas, relacionando-as também à idade. Os resultados, ainda que sujeitos a interpretações equivocadas, devido à subjetividade inerente ao tema, revelaram percentuais interessantes: 26% dos adolescentes relataram já terem se envolvido em atos de *bullying* (10,7% como agressores, 12,6% como vítimas e 3,6% ora como agressores e ora como vítimas). As taxas variaram entre os países e se mostraram menores nos países onde existem medidas institucionais de combate ao *bullying*.⁷

PAPEL DA ESCOLA

O mais desconcertante no *bullying* é o fato de serem os envolvidos crianças/ adolescentes, sendo que ambos necessitam de ajuda qualificada e imediata. Assim, quando o *bullying* é denunciado, a escola é convidada a moderar o conflito entre os envolvidos.

O grande papel da escola seria, entretanto, prevenir os casos de *bullying* e seus agravos. Manter vigilância constante, implantar a psicoeducação, apoiar os envolvidos e suas famílias são medidas que parecem ter impacto.⁸

Os pais da vítima querem providências, os pais do agressor “não querem acreditar”. Os caminhos para resolução dos conflitos são tortuosos, as estratégias utilizadas no mundo dos adultos repetem-se aqui: punições, alijamento, discussões acaloradas e até caminhos judiciais.

Os termos vítima e agressor aparentemente adequados acirram a discórdia e polarizam de forma quase incontornável os pares.

Talvez o grande desafio das escolas seja manter alunos motivados e professores valorizados.

PAPEL DOS PAIS

Os pais exercem evidentemente papel crucial nesse quadro, impossível não comprometê-los na prevenção e moderação dos conflitos. É fundamental manter um canal de comunicação aberto com os filhos sobre convivência, respeito e violência, questionar seus próprios posicionamentos e preconceitos em relação às diversas vertentes sexuais, religiosas e sociais.

Um ponto relevante seria debater com as escolas as questões referentes a limites e regras, evitando-se, assim, posturas antagônicas que podem confundir crianças/ adolescentes.

PAPEL DO PEDIATRA

É pouco provável que o pediatra/hebiatra seja procurado por seus pacientes para abordar assuntos referentes a *bullying*, no entanto ele poderá identificar pacientes de risco, orientar famílias e rastrear alterações de comportamento.⁹

OS ESPECTADORES

Estudo conduzido por Wood *et al.* entrevistou estudantes do sudoeste dos Estados Unidos, a fim de analisar a interferência do comportamento dos espectadores na frequência e nas consequências dos incidentes de *bullying*.¹⁰ As pesquisas a respeito destacaram o efeito positivo do apoio social; melhora do bem-estar físico e psíquico das vítimas. Houve redução dos casos de depressão e melhora da qualidade de vida.¹⁰

Os resultados deste estudo confirmam que o indivíduo, diante de uma plateia omissa ou incitadora, pode dobrar sua “coragem” e encontrar combustível para perpetuar suas práticas violentas.

CONTROVÉRSIAS

As escolas têm o direito de censurar ou punir as agressões praticadas fora da instituição?

As medidas punitivas são efetivas no controle do *bullying* ou seriam apenas paliativos que reforçam ainda mais as hostilidades?

REFLEXÕES

Surgem nesse cenário reflexões absolutamente necessárias:

- não estarão as crianças replicando violências, preconceitos e desigualdades que as rodeiam?
- a sociedade não teria aqui fracassado, incapaz de promover uma infância segura e saudável? Observa-se o crescimento de outros tipos de violência contra a criança.

- a escola não teria se transformado em mais um produto a ser comercializado, perdendo seu papel de educadora?
- os pais não estariam “cegos” diante de seus filhos entregues a jogos, computadores e demasiados cursos extracurriculares?
- o crescente desinteresse dos alunos em relação à escola não teria como um dos sintomas a intolerância em relação aos colegas?

ESTRATÉGIAS

O tema ganhou as mídias e até o interesse público com a criação da Lei 13.185/15, que obriga escolas e clubes a adotarem medidas de prevenção e controle no combate ao *bullying*.¹¹⁻¹⁵

Nessa linha de pensamento, ações como cartilhas, fóruns e palestras tentam um caminho para controle do *bullying*.

Programas institucionais acreditam serem capazes de promover a cidadania, o respeito e a empatia entre os pares. Além disso, pais, professores e familiares seriam orientados a identificar precocemente vítimas e agressores.

A justiça restaurativa, ainda incipiente como ferramenta para solução de conflitos, parece colher frutos em alguns estados onde foi implantada,¹¹ sendo assim definida por Brancher:

Justiça restaurativa é um processo através do qual todas as partes envolvidas em um ato que causou ofensa reúnem-se para decidir coletivamente como lidar com as circunstâncias decorrentes desse ato e suas implicações para o futuro.

Parece que o sucesso da medida restaurativa reside na escuta equânime das partes, preenchendo uma lacuna existente numa sociedade em que crianças e adolescentes nem sempre têm suas vozes ouvidas e seus direitos garantidos.

CONCLUSÕES

É importante mediar os conflitos entre crianças e adolescentes e trazer para os adultos a responsabilidade desse cenário de violência. É impossível dissociar esse fenômeno do contexto social em que vivemos.¹²⁻¹⁵

Quando professores e pais se alienam de suas autoridades, ficam as crianças à mercê de seus desejos tirânicos de prazer, traduzidos aqui pelo sofrimento e invalidação do “outro”.

Vamos renomear nossos filhos; nem agressor nem vítima.

Precisamos falar sobre *bullying* – precisamos falar sobre nós.

REFERÊNCIAS

1. Pereira BO, Silva MI, Nunes B. Descrever o bullying na escola. *rev. Dialogo Educ.* 2009;9:455-66.
2. Antunes DC, Zuin AAS Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia e sociedade.* 2008;20:33-41.
3. Kowalski RM, Limber SP. Psychological, physical, and academic correlates of cyberbullying and traditional bullying. *J Adolesc Health.* 2013;53:13-20.
4. Cross D, Lester L, Branes A. A longitudinal study of the social and emotional predictors and consequences of cyber and traditional bullying victimisation. *Int J Public Health.* 2015;60:207-17.
5. Freud S. A psicologia das massas e análise do eu. Porto Alegre: L&PM; 2017.
6. Poon K. Understanding risk-taking behavior in Bullies, victims, and bully victims using cognitive-and emotion-focused approaches. *Frontiers Psychol.* 2016;7:1-15.
7. Craig W, Harel-Fich Y, Fogel-Grinvald H, Dostaler S, Hetland J, Simons-Mortan B, et al. A cross-national profile of bullying and victimization among adolescents in 40 countries. *Int J Public Health.* 2009;54:216-224.
8. Malta D, Silva MAI, Malta de Mello FC, Monteiro R, Sardinha LMC, Crespo C, et al. Bullying nas escolas brasileiras: resultados da pesquisa nacional de saúde escolar. *ciencia e saúde coletiva.* 2010;15:3065-76.
9. Lopes Neto A. Bullying- comportamento agressivo entre estudantes. *J. Pediatr (Rio J).* 2005;81:164-72.
10. Wood L, Smith J, Vargas K, Meyers J. School personnel social support and nonsupport for bystanders of bullying. *Exploring student perspectives. J Sch Psychol.* 2017;61:1-17
11. Lima CB, Americo Junior E. Educar para paz: práticas restaurativas na resolução de conflitos escolares. *Movimento- Rev Educ.* 2015;3:198-224.
12. Moura DR, Cruz ACN, Avila Quevedo L. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *J. Pediatr (Rio J)* 2011;87:19-23.
13. Peguero AA. Bullying victimization and extracurricular activity. *J School Violence.* 2008;7:71-85.
14. Boynton -Jarrett R, Ryan LM, Berkman LF, Wright RJ. Cumulative violence exposure and self-rated health: Longitudinal study of adolescents in the United States. *Pediatrics.* 2008;122:961-70.
15. Whitney I, Smith PK. A survey of the nature and extent of bullying in junior /middle and secondary schools. *Educ Res.* 1993;35:3-25.